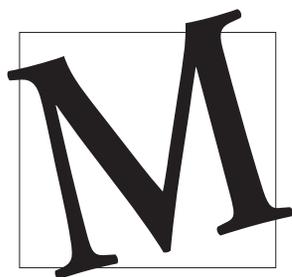


Este trabalho foi originalmente apresentado no I Sínice (Simpósio Indústria Cultural e Educação), que ocorreu de 5 a 7 de junho deste ano, promovido pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Araraquara.

# Mídia e educação: sinalizações

FRANCISCO COSTA

A large, bold, black letter 'M' is centered within a thin black rectangular border. The letter has a classic, slightly serifed font style.

Mídia e educação. A primeira idéia que me passou pela cabeça com relação a esse tema foi a televisão. Talvez porque, hoje, sejamos todos prisioneiros e reféns da

TV. De bom ou mau grado. Mas essa é outra questão. O que importa, para princípio de assunto, no que me diz respeito, é o fato de que é bastante difícil se dissociar mídia de entretenimento. Porém, de algum modo, atualmente, entretenimento e educação estão estranhamente ligados. O fato é que vejo, mesmo, de forma mais clara, uma quase cristalina associação não entre mídia e educação, mas entre mídia e cidadania – ou seja, por extensão, educação. Mas continuo acreditando, apesar dos pesares, que educação se faz com livros e professores – fundamentalmente. A fórmula tradicional continua valendo e acho que não foi inventado nada melhor.

Não é meu interesse aqui trabalhar com a questão do jornalismo que verte informação científica para o público leigo – um jornalismo cada vez mais necessário pela

**FRANCISCO COSTA**  
é jornalista.

própria configuração do mundo em que vivemos, no qual a informação se renova a cada dez minutos. De qualquer forma, não poderia deixar de assinalar que se trata de um trabalho braçal em muitos casos, como tenho acompanhado diariamente observando a produção da Agência USP de Notícias. Um trabalho que tem de lidar, na maioria das vezes, não apenas com a “tradução” da informação científica, mas ainda – claro – com o próprio cientista, que muitas vezes é refratário e ainda hoje nutre uma desconfiança quase marota quando o assunto é a exposição do seu trabalho na mídia. Minha reflexão aqui não caminha no sentido acima exposto, que sob muitos ângulos é fundamental. Acho que é possível pensar a questão do seguinte ponto de observação: como é possível se inserir a mídia na vida das pessoas, de forma que sua atuação seja criativa e mesmo educativa, no sentido mais amplo?

Penso que podemos andar com essa carruagem das mídias dando nome a certos bois. Por exemplo, a mídia é composta por imprensa escrita (os jornais, as revistas semanais de atualidades e mexericos, as revistas mensais de cultura, femininas ou não), pelo rádio, pela TV. E finalmente, pela Internet.

Começemos com as mídias impressas. O caso do namoro da educação com a imprensa escrita – pelo menos, com o que é conhecido como grande imprensa – é explícito (seria possível falar em casamento). Desde pequenos, em casa, recebemos a seguinte instrução de nossos pais: leia jornal para se manter informado, atualizado. É preciso para compreender o mundo, e o jornal é um meio eficaz nessa tarefa. Nossos pais, por exemplo, viveram numa época mais simples, numa época em que era possível haver convicção – hoje estamos reduzidos à opinião. Nossos pais não possuíam 10% das desconfianças que nós temos, hoje, em relação à palavra escrita. O que vinha estampado na página não era discutido – ou era muito pouco discutido. Hoje, é um

pererequê: lemos o jornal tal ou a revista qual, porque eles carregam nas tintas o nosso ponto de vista particular. Poderíamos dizer que nossa desconfiança com relação ao concorrente é representada por um fosso com jacarés, como poderia dizer Nelson Rodrigues. De qualquer forma, a imprensa escrita continua sendo observada bem de perto por uma significativa parcela da população, pois descobrimos em tempos relativamente recentes que de uma hora para outra ela é capaz (ao lado de veículos de outras naturezas) de levantar um pandemônio no país, como em qualquer outro lugar civilizado – como ocorreu há pouco tempo (sobre isso falaremos mais adiante).

Temos o caso do rádio, que é bem interessante. Por exemplo, continuamos ouvindo muita música – e diversificada. Mas o fato é que hoje há pelo menos uma rádio cujo *slogan* é “a rádio que toca notícia” (a CBN). Para não falar da Joven Pan, que se gaba tanto de ter uma audiência de 17 milhões de ouvintes, quanto de ser ouvida do Oiapoque ao Chuí. Seria um insulto ao rádio, em tempos de apagão, afirmar que ele não educa. Se mais não fosse, seria uma tremenda desconsideração para com o público que diariamente, da manhã à madrugada, não apenas acompanha, como telefona para participar das programações mais distintas.

E caímos na TV. Aqui todo cuidado é pouco. Sou muito tentado a dizer – contra todas as expectativas, inclusive as minhas próprias, de que ela seria mero veículo de entretenimento – que ela também educa. Por exemplo, sua adesão mais convicta ao noticiário de ponta foi fundamental na perda de mandato de três senadores da república, um deles inclusive o maior coronel vivo da política brasileira. Se educar é formar, fica difícil justificar a TV como educadora, eu sei. Nesse departamento, apesar daquele domingo do PCC, dos programas burros de auditório, dos filmes C espalhados por toda a grade, há também tentativas de qualidade, como é o caso da TV Cultura e das TVs universitárias, captadas via cabo. Entre parênteses, se observamos também o cabo, o leque se amplia, e muito. Além dos canais universitários, há outros, como Fu-

tura, Discovery e National Geographic – estes dois últimos voltados aos documentários de qualidade. Claro, há ainda CNN americana e hispânica para notícias (não esquecer GloboNews), há Bloomberg, BBC londrina, etc.

Por último, há Internet. Que merece uma observação à parte. Além das possibilidades fantásticas de pesquisa propiciadas pela rede, a informação está disponível em tempo real. Se você não tem TV para ver o jogo do Guga, por exemplo, basta ligar o computador no IG, Zip.Net, UOL, ou outro grande servidor. Mais: as notícias são adicionadas, atualizadas, a cada dez, quinze minutos. Mais ainda, o correio eletrônico ganha cada vez mais força e popularidade e as salas de bate-papo costumam ficar congestionadas às noites e fins-de-semana – ou seja, quando a maioria pára de trabalhar e estudar (é utilizada também como lazer, portanto). A Internet é uma mídia acelerada que embute educação – embute também todas as contradições da mídia pela sua avassaladora abrangência (é bom não esquecer a quantidade imensa de *sites* sexistas e racistas).

Essa primeira aproximação entre mídia e educação está feita. Vou agora passar à observação de alguns casos, que servirão como ilustração do que aqui foi comentado.

## O PAINEL DO SENADO

Depois de anos engolindo economia diariamente, do café da manhã ao jantar, a população se deparou com um acontecimento único nos últimos dois meses. O caso da violação do painel jorrou aos borbotões do Senado para a mídia que, farejando muito perto uma caça de peso, tratou de encurralá-la. E como isso foi feito? De forma aparentemente simples: a mídia “acantooou o bicho” (seja ele qual for), martelando insistentemente na cabeça do leitor, do ouvinte e do telespectador, uma cantilena de endoi-decer. A idéia muito particular que se pôde extrair da história toda é mais ou menos essa: se para aqueles sujeitos lá no Con-

gresso a violação de um voto secreto é uma coisa menor, imagina o que eles têm aprontado pelas nossas costas! Mais uma vez, a grande sensação esteve a cargo da TV. Por ironia, da TV Senado, veículo que ao ser criado foi tão criticado como “gastança de verba pública, para servir a fins eleitorais”, etc. Pois bem, a TV Senado transmitiu na íntegra todo o trabalho do já famoso Comitê de Ética e Decoro Parlamentar no caso Arruda-ACM. Além de transmitir os vários discursos dos dois senadores na tribuna do Senado – ou seja, ela funcionou como labareda que se voltou contra os feiticeiros. Foram horas e horas de depoimentos, discussões, questões de ordem, acareação, peroração, etc.

O público assistiu a tudo aturdido e deliciado. O país voltou a ter esquina, em cada conversa, a questão: vão ou não ser cassados? Todos igualmente surpresos com essa típica história de peixe que morre pela boca – tudo começou, é bom lembrar, com ACM dizendo, em artigo antológico da *IstoE*, que Heloísa Helena do PT votara contra a cassação de Luiz Estevão. Essa foi a origem do maremoto. A despedida do cacique – que ganhou caderno especial do *Estadão* – foi melancólica e conseguiu a proeza de causar indignação nos quatro quadrantes. Sua foto tocando trombone em Salvador no dia seguinte ao do discurso (era uma quinta-feira) provocou a seguinte dúvida: será que o ACM, essa “legenda viva”, pirou o cabeção? Se poderia dizer, insistindo na piada, que esse dote musical insuspeito até outro dia só a nós causou surpresa, pois lá no Caribe, na terra da salsa, o Antônio Carlos é conhecido como Tony Magallanes.

Pois é, voltando ao assunto, nem bem o painel ia sendo digerido e surgiu outro vagalhão pela proa: a crise da energia elétrica. Vivendo ainda as idas e vindas, cabe-

çadas e chacoalhões provocados pelo perigo de apagão, um fato inédito veio confirmar o que foi percebido durante o episódio do painel do Senado (assim como aconteceu com relação à CPI da Corrupção). Já no dia seguinte à declaração do governo, eis que a população reage formidavelmente e se atinge uma economia de eletricidade da ordem de 11% (nada menos que a incrível marca de 11%, espontaneamente).

Eu diria que uma resposta desse naipe há dez anos seria inviável – quando nada, pela própria índole do brasileiro de levar governo pouco a sério. Definitivamente, não é o que se vê hoje. Alguns teóricos têm observado que a mídia se constituiu num quarto poder. Não sei se chega a tanto. O que se pode perceber é que uma grande fração da população está “antenada”, digamos assim. Está prestando muita atenção a tudo, que ocorre e é veiculado pela mídia. E está reagindo num tempo espantosamente curto. Contra essa tomada de consciência geral, pouco adianta, portanto, o Antônio Carlos fechar o corpo com os babalaôs e babalorixás da Bahia. O país já é outro. Mudança espetacular, promovida em grande medida pela mídia. Mas a mídia não trabalha no vazio, no vácuo. Ela trabalha e opera com *feedback*: se há retorno, vamos em frente; se não há retorno, seguimos em outra direção. Esse retorno, esse *feedback* atual é nitidamente um sintoma de educação. Um sintoma sutil e diferente, é claro, mas com sinais bastante visíveis. Dentro dessa visibilidade cada vez maior, tem sido possível observar a superação, neste país, de uma estrutura mental centenária, que já está morta e ainda não se deu conta disso. Como mostrou o discurso de ACM na sua despedida do Senado. E como tem mostrado a lenta fritura deste outro poderoso morubixaba, o presidente licenciado do Congresso, Jader Barbalho.